

ECOLOGIA EM REVISTAS
ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS REVISTAS VEJA E ISTOÉ NAS DÉCADAS DE 1970 A
1990 ¹

Antonio Teixeira de Barros²

RESUMO:

Analisa o conteúdo informativo de matérias jornalísticas sobre meio ambiente, publicadas pelas revistas Veja e IstoÉ, nas décadas de 1970 (Eco 72) a 1990 (Eco 92). Os temas que mais se destacam são: poluição, Amazônia, estudos ecológicos e devastação. A tendência de ambas as revistas é priorizar a cobertura de temas ligados ao contexto urbano, além dos chamados "temas globais", como mudanças climáticas, efeito estufa, ecoturismo e espécies ameaçadas de extinção.

Palavras-chave:

imprensa e meio ambiente; jornalismo e ecologia; revista Veja e meio ambiente; revista Isto É e meio ambiente; análise de conteúdo.

ABSTRACT:

This text analyzes the informative content of journalistic matters on environment, published by the Brazilian magazines "Veja" and "IstoÉ" in the decades from 1970 ("Eco 72") to 1990 ("Eco 92"). The themes that stand out are: pollution, Amazon, ecological studies and environmental devastation. The tendency of both magazines is to prioritize the covering of themes linked to the urban context, besides the ones called "global ecological themes", such as climatic changes, greenhouse effect, "ecotourism" and species extinction.

Keywords:

press and environment; journalism and ecology; Brazilian magazines "Veja" and "IstoÉ"; content analysis.

¹ Elaborado com base na metodologia e no corpus de análise utilizados pelo autor em sua tese de doutoramento, apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Fernanda Sobral, em 1999.

Antônio Teixeira de Barros autor é doutor em Sociologia e mestre em Comunicação. Professor do Curso de Comunicação do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Professor Pesquisador Associado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

² Antônio Teixeira de Barros autor é doutor em Sociologia e mestre em Comunicação. Professor do Curso de Comunicação do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Professor Pesquisador Associado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. E-mail de contato: teixeiradebarros@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é mapear e analisar, em nível de categorias temáticas, o discurso de duas revistas informativas, de periodicidade semanal (*Veja* e *IstoÉ*) sobre ecologia no Brasil, no período de junho de 1972 a junho de 1992. Pretendemos, em termos de objetivos específicos, caracterizar o discurso dessas revistas, considerando suas especificidades e sua natureza mediática, ou seja, um discurso que sofre as interferências de uma agenda temática que faz parte de todos os meios de comunicação.

Para a análise, partimos das categorias mais relevantes, em termos quantitativos, o que se justifica pelo fato de que, o maior índice de matérias acerca de um assunto reflete os aspectos das implicações da própria natureza do jornalismo. Em outras palavras, partimos do pressuposto de que quando revistas se voltam para um determinado tema, conferindo-lhe maior visibilidade, há elementos e circunstancialidades externas que contribuem para acentuar a publicidade em torno do assunto destacado.

A delimitação do período de estudo entre 1972, quando se realizou a Conferência de Estocolmo e 1992, quando se realizou a Eco 92 justifica-se pela necessidade de acompanhar o desenrolar da questão, na cobertura da imprensa sobre o assunto. Justifica-se ainda pelo fato de que as duas conferências em questão constituem dois importantes marcos na discussão sobre ecologia e meio ambiente, tanto em termos mundiais, como no que se refere à participação do Brasil.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com base na técnica de *análise de conteúdo* (AC), entendida como “*um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento*” (CHIZZOTTI, 1991, p.98). Apesar dessa definição, Bardin (1977, p.31) ressalta a dificuldade de se compreender a AC como um método uniforme, alertando para o fato de que trata-se, antes, de “*um conjunto de técnicas de análise das comunicações*”. Por isso, complementa, deve-se entender a AC não como um instrumento, mas “*um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações*”. Por essa razão, adotamos um dos

procedimentos específicos desse “conjunto de apetrechos”, a **análise categorial**, a qual, conforme a autora citada,

pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. Isso pode constituir um primeiro passo, obedecendo ao princípio de objetividade e racionalizando através de números e percentagem, uma interpretação que, sem ela, teria de ser sujeita a aval. É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem. É, portanto, um método taxionômico bem concebido para (...) introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente (BARDIN, 1977, p.37).

Para tanto, coletou-se uma amostra de fontes (MARCONI, LAKATOS, 1996), compreendendo textos informativos das duas principais revistas semanais de informação geral: *IstoÉ* e *Veja*. A amostra é do tipo não probabilística intencional (BERQUÓ, 1981) ou amostra selecionada (SOUNIS, 1985), tendo-se em vista sua melhor adequação ao tipo de trabalho proposto, visto que os estudiosos da área concebem-na como um tipo especial de amostra que pode ser retirada de um universo mediante processo seletivo deliberado, ou seja, as unidades que compõem o corpo amostral são escolhidas intencionalmente pelo pesquisador, de forma a atender seus objetivos e metas de trabalho. Tal escolha justifica-se porque, ao estudar um tema específico da cobertura jornalística, talvez fosse improdutivo trabalhar com uma amostra aleatória ou probabilística.

Assim, optamos pelo intervalo de três meses, de modo a incluir os de maior incidência de informação sobre ecologia, como junho (que inclui a semana do meio ambiente, além do período de realização da Conferência de Estocolmo e da Rio 92) e setembro (semana da árvore). A amostra inclui, portanto, os meses de abril, junho, setembro e dezembro de todos os anos que compreendem o período de estudo (1972-92).

As matérias foram classificadas nas seguintes categorias temáticas:

- 1 - Amazônia - questões ligadas a todo o universo amazônico;
- 2 - Agricultura e meio ambiente - relação entre práticas agrícolas e ecologia;
- 3 - Clima - problemas climáticos em geral;
- 4 - Conferência de Estocolmo - temas debatidos durante a Eco 72
- 5 - Devastação - efeitos e consequências das agressões ao meio ambiente;
- 6 - Ecoturismo - problemas e possibilidades do ecoturismo no Brasil;

- 7 - Efeito estufa - consequências do aquecimento global;
- 8 - Espécies em extinção - situação de espécies animais e vegetais ameaçadas de extinção;
- 9 - Estudos ecológicos - estudos científicos de aspectos ambientais;
- 10 - Fauna/Flora - a vida animal/vegetal e sua importância para o equilíbrio ecológico;
- 11 - Legislação ambiental - medidas legais para a preservação do meio ambiente;
- 12 - Mercado verde - produtos e serviços oferecidos por empresas preocupadas com a ecologia;
- 13 - Movimentos ecológicos - atuação de movimentos sociais e organizações de defesa do meio ambiente;
- 14 - Pantanal - aspectos da paisagem, da biodiversidade e da cultura pantaneira;
- 15 - Poluição - as diversas formas de poluição, sobretudo nos centros urbanos brasileiros;
- 16 - Rio 92 - cobertura do evento;
- 17 - Urbanismo - aspectos ecológicos ligados aos grandes centros urbanos.

3 A COBERTURA DE VEJA E ISTOÉ

Os temas mais destacados pelas duas revistas em apreço privilegiam os aspectos ligados à vida urbana. Tal opção pode ser explicada pelo fato de que essas revistas circulam principalmente nos grandes centros urbanos do País. Seus leitores, portanto, são habitantes de grandes cidades. Assim, o critério da proximidade é o que pauta a cobertura de ambas as revistas sobre ecologia. A seguir, analisaremos as categorias temáticas, por ordem de importância.

POLUIÇÃO

A categoria poluição aparece em primeiro lugar na cobertura das duas revistas, correspondendo a 20% do total de textos de *Veja* e 7,80% de *IstoÉ* (Tabelas 10 e 11). A primeira confere mais importância ao assunto na década de 1970, enquanto a segunda o faz na década de 1980, visto que esta última passou a circular já no final da década de 70 (1977). Certamente, a ênfase a essa categoria se justifica pelo fato de que, nesse período, a questão ecológico-ambiental estava diretamente associada aos danos causados pelos poluentes, principalmente nos grandes centros urbanos. A partir do final

dos anos 80 é que o leque temático da imprensa ampliou-se, passando a cobrir os mais variados assuntos.

Em ambos os casos, a cobertura é ampla e diversificada, abrangendo praticamente todas as formas de poluição presentes nas grandes cidades brasileiras, sobretudo a região metropolitana de São Paulo: poluição do ar, de mares, praias, rios, lagoas e poluição sonora. Também é comum aos dois periódicos o tom de denúncia. Contudo, diferentemente da ética do denunciismo predominante no jornalismo brasileiro atual (MELO, 1995), os textos analisados apresentam levantamentos de dados estatísticos, resultado de estudos realizados por instituições de pesquisa - universidades públicas e órgãos estaduais e municipais -, bem como explicações de especialistas e depoimentos de vítimas das diversas formas de poluição. Assim, em vez de instaurar o ceticismo, esta forma de denúncia tende a estimular o engajamento das populações envolvidas - ou pelo menos de segmentos que as representam - em prol do combate à poluição. Assim, as duas revistas, certamente, contribuíram pelo menos para a tomada de consciência por parte de autoridades e do público.

Os argumentos são categóricos e apelativos, no sentido de instigar para a ação anti-poluição, como se vê nos trechos abaixo:

- num raio de 10km da fábrica, o pó se espalha e pousa (...) sobre os telhados de casas onde vivem cerca de 40 mil pessoas, muda para cinza a cor das plantas, cobre a terra dos quintais. **Invade os pulmões de adultos e crianças. E mata** (grifos nossos) - (“Toneladas de pó”, *Veja*, set., 1973);
- Corroendo a saúde dos 80 mil moradores do município, 75 poluentes adulteram o sangue, aninham-se nos pulmões e podem comprometer até a herança genética de suas vítimas. ‘É uma população que vive em precárias condições de vida, sem saneamento básico, em condições insalubres de trabalho’, nota a pesquisadora Marília Medrado Faria (...). Numa amostra de 1,465 trabalhadores, por exemplo, Marília registrou o índice de 44% de doenças pulmonares e 19% de doenças mentais (“Vale da morte”, *IstoÉ*, abr., 1984);
- Bater os seus próprios recordes de contaminação do ar ameaça se tornar uma maldição da cidade de São Paulo... (“Poluição recorde”, *Veja*, out., 1975);
- Os 381 km² da baía de Guanabara estão cheios de chumbo, cromo, cádmio e cobre. Desaguadouro de 35 rios (...), a baía recebe o lixo de 4 mil indústrias... (“A baía agredida” - *IstoÉ*, jan., 1984);
- A Prefeitura do Recife (...) convicta de que a poluição sonora já começou a afetar os ouvidos de seus moradores - o barulho das ruas, acreditam os funcionários (...), é suficientemente forte para dispensar tabelas de decibéis (“O som do Recife”, *Veja*, jun., 1973).

AMAZÔNIA

A categoria Amazônia aparece em segundo lugar no cômputo geral das duas revistas, com 29 matérias em *Veja* e apenas duas em *IstoÉ* (Tabelas 10 e 11). No caso de *Veja*, a cobertura é ainda mais ampla do que ocorreu com a categoria poluição, pois vai além do denunciismo e destaca iniciativas consideradas positivas, como projetos de extração de minérios “*sem depredar a selva*”; o corte de empréstimos por parte de bancos estrangeiros para os projetos que estimulam a devastação; a vida em uma ilha do litoral paraense “*onde o homem e a natureza fizeram as pazes*” e “*as maneiras racionais de convivência com a selva*”, criadas pelos povos da floresta amazônica.

Como vemos, há um tom otimista nas reportagens que abordam tais temas, o que não é comum no jornalismo brasileiro, quando se trata de Amazônia, uma vez que predominam os enfoques pessimistas, denunciistas ou meramente ufanistas.

No primeiro caso, destaca-se uma matéria que relata as medidas ecologicamente corretas, adotadas pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), na exploração de minerais na região de Carajás que inclui “ *rígido controle da qualidade de ar, água e solo e, até mesmo, do nível de ruídos*”. Mas a revista também investiga o que levou a CVRD à adoção de tais medidas: “*exigência do Banco Mundial para liberar o empréstimo de 304 milhões de dólares*” (“*Lição ecológica*”, *Veja*, jul. 1984).

Aliás, os grandes bancos internacionais, como BIRD e BID também são responsáveis pela “boa notícia” do fim de concessão de financiamentos de projetos que desrespeitam a natureza, contribuindo para amenizar “o descaso do Governo na preservação do meio ambiente” (“*A fonte secou*” - *Veja*, ago. 1987).

A vida em harmonia com o verde aparece em duas grandes reportagens de *Veja* (uma de oito e outra de três páginas), as quais relatam experiências incomuns:

- como vivem os moradores do Combu, uma ilha no Pará onde o homem e a natureza fizeram as pazes (“*De bem com o verde*”, maio 1990).
- enquanto os ecologistas discutem os perigos que cercam a Amazônia, os habitantes da região criam maneiras racionais de convivência com a selva (“*Nosso povo na floresta*”, *Veja*, abr., 1992);

No primeiro caso, a revista enfatiza o fato de os moradores obterem cerca de três mil dólares por mês (renda *per capita*), com a colheita e venda do açaí, de forma completamente natural, sem agredir o ecossistema, respeitando os ciclos naturais da fruta. No segundo caso, o foco são as medidas racionais adotadas pelos milhões de

habitantes da região, no que diz respeito à pesca, cultivo de arroz e criação de gado, com critérios simples, mas decisivos na preservação ambiental, como o respeito à época da desova dos peixes, a plantação de arroz em áreas alagadas, sem queimadas e o aproveitamento do esterco de gado como adubo.

Entretanto, as “*boas notícias*” têm como pressuposto critérios econômicos, como no caso da CVRD, cuja motivação foi uma exigência externa, oriunda de um ultimato do Banco Mundial. Esse fato revela que, mesmo em medidas elementares, como as citadas, o Governo, já que se tratava de uma empresa estatal na época, necessitou de pressões internacionais, de ordem econômica, para a implementação de procedimentos ecológicos na mineração, o que demonstra a presença de relações de poder na produção do discurso ecológico-ambiental sobre a Amazônia.

As denúncias de agressão aos ecossistemas amazônicos são o objeto da maioria das matérias de *Veja* (24 do total de 29 textos). Os problemas são os mesmos analisados no discurso científico, mais especificamente, na cobertura de *Ciência Hoje*. Apenas as questões eco-epidemiológicas, principal objeto dos estudos publicados em *Ciência e Cultura* é que não são contemplados em *Veja*, o que se justifica pelo fato de que a primeira é uma revista científica. Os jornais também enfocam os mesmos assuntos: exploração madeireira, construção de estradas, queimadas, problemas decorrentes da mineração e as dificuldades enfrentadas pelos índios na região.

A diferença é que a cobertura de *Veja* é mais aprofundada do que a dos jornais diários e mais superficial em relação à *Ciência Hoje*, o que se deve à sua própria condição de revista semanal de informação geral, que não chega a ter pretensões científicas, mas vai além do noticiário diário. A revista, no caso, não se limita a noticiar ou informar, mas também tematiza a questão, ou seja, ressalta o que de fato foi mais importante em termos de noticiário durante a semana. Na perspectiva da *sociologia dos emissores*, tematizar um problema significa “*colocá-lo na ordem do dia da atenção do público, dar-lhe o relevo adequado, salientar a sua centralidade e o seu significado em relação ao fluxo da informação não-tematizada*” (WOLF, 1995, p.146).

TABELA 1 – Revista *Veja* - Classificação Temática

C A T E G O R I A S/A N O	VEJA	ISTOÉ	T	%
------------------------------	------	-------	---	---

Poluição	34	12	20,00
Amazônia	28	02	16,90
Devastação	17	06	9,90
Estudos Ecológicos	15	08	8,70
Clima	13	02	7,55
Espécies em Extinção	10	05	5,80
Legislação Ambiental	07	--	4,00
Fauna / Flora	07	05	4,00
Rio 92	06	02	3,50
Pantanal	05	02	2,90
Agricultura e M. Ambiente	03	--	1,75
Ecoturismo	03	--	1,75
Pesca	03	--	1,75
Efeito Estufa	02	--	1,10
Mercado	02	--	1,10
Conferência de Estocolmo	01	--	0,60
T O T A L	171		100

O que também se percebe de diferente é que a revista *Veja*, em alguns casos, salienta a dimensão conflituosa dos acontecimentos aos quais se reporta, como os impasses internacionais gerados com o assassinato de Chico Mendes. O crime e suas repercussões na imprensa mundial, segundo o periódico, criou “*uma inesperada dificuldade para o governo brasileiro negociar a dívida externa*” (“O cerco verde”, *Veja*, fev. 1989). A mesma reportagem relata o protesto de ecologistas americanos em Washington, contra o crime citado e as queimadas na Amazônia. Porém, a revista reduz o enfoque aos problemas criados para o embaixador do Brasil na capital norte-americana.

Outro exemplo está na reportagem “A verdade de um 38” (jun. 1990), a qual narra a atitude de um líder seringueiro que dispensou a proteção policial e preferiu andar armado, depois da morte de Chico Mendes. A questão ecológica é quase ocultada, com a grande ênfase que a revista confere à dimensão policialesca do assunto.

A maior reportagem de *IstoÉ* sobre a categoria em apreço limita-se ao enfoque econômico “*como Carajás pode ajudar o balanço de pagamentos. Lá há bilhões de toneladas de ferro, cobre, ouro...*” A abordagem é feita estritamente sob a ótica dos negócios: “*o fantástico mundo que atrai os estrangeiros e oferece ao governo uma oportunidade de povoar a região Norte do país*” (“Em se explorando, tudo se extrai”, jul. 1990). A outra matéria apresenta dados sobre o avanço da malária na região, onde se

concentram 99% dos 265 mil casos contabilizados no País (“O avanço da malária”, abr. 1984).

DEVASTAÇÃO

A categoria devastação aparece com mais intensidade na revista *Veja*, sobretudo na década de 1970, enquanto *IstoÉ* apresenta cobertura menos expressiva, em termos quantitativos, concentrando-se basicamente na década de 80. Apesar dessas diferenças, a abordagem é similar. Ambas enfatizam a devastação de áreas urbanas, nas regiões Sul e Sudeste, em especial os ambientes aquáticos como lagoas, lagos, rios, mares e praias. Em segundo lugar, em *Veja*, estão questões relacionadas com a devastação do solo urbano, como a erosão progressiva e o avanço dos aterros. Em seguida, temos reportagens sobre a degradação do solo, florestas, rios periódicos e parques ecológicos, quase todos em áreas rurais, principalmente das regiões Nordeste e Centro-Oeste.

Os aspectos particulares da cobertura da revista *IstoÉ* referem-se ao acelerado processo de desertificação do Sul e à devastação provocada pela elevação do nível do mar no litoral paulista. Nos dois casos, o enfoque é notadamente econômico, com ênfase para os prejuízos decorrentes de tais fenômenos:

- “as areias engoliram as mais ricas pastagens do país, transformadas hoje em estéreis desertos vermelhos” (“As terras mortas”, *IstoÉ*, ago. 1985);
- “... o avanço das águas traga raízes de árvores, ao mesmo tempo que castiga as casas na beira da praia.” (“O oceano engole o continente”, *IstoÉ*, jan. 1988).

Vale ressaltar ainda que, nos dois casos, as reportagens oferecem ampla visão sobre os assuntos mencionados. O texto sobre desertificação apresenta um levantamento, com mapas e dados sobre o avanço do fenômeno no mundo e no Brasil. De forma didática, explica em linguagem direta e simples, as principais causas do aparecimento das “*terras mortas*”. O mesmo ocorre com o outro assunto, cuja causa maior é o excesso de gás carbônico na atmosfera, responsável pelo aquecimento do planeta e a conseqüente elevação do nível dos mares. Em um quadro explicativo, por exemplo, apresenta-se, paralelamente, a progressão dos fluxos e refluxos marítimos e a concentração de gás carbônico na atmosfera desde o ano de 1800 até a década de 1980.

ESTUDOS ECOLÓGICOS

As matérias que se reportam a assuntos de caráter técnico-científico aparecem em quarto lugar no cômputo geral das duas revistas, sendo que *Veja* confere maior importância a elas (Tabelas 10 e 11). Porém, o enfoque é similar: o destaque a informações sobre problemas de engenharia técnico-científica, ou seja, experiências e estudos relativos a problemas concretos, tais como construção de casas com materiais de custo menor, experiências com chuva artificial no Nordeste, produção de ar puro para ambientes hospitalares e projetos de reflorestamento para despoluir a atmosfera são alguns exemplos.

As universidades públicas federais, as universidades estaduais paulistas, órgãos públicos de atuação em nível nacional como o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), além de instituições internacionais, como a União das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e a Agência Espacial Americana (NASA) são as principais fontes mencionadas pelos dois periódicos, além de universidades americanas e européias. As áreas científicas mais citadas são: Engenharia (em suas diversas modalidades), Biologia, Química, Física, Astrofísica e Geografia.

Tanto *Veja* como *IstoÉ*, ao se reportarem aos problemas de engenharia, ressaltam uma visão otimista da aplicação de conhecimentos técnico-científicos para a solução de problemas como os apontados acima. No caso da utilização de novas técnicas de engenharia de materiais para a construção de residências populares, a reportagem “Ecodesenvolvendo” (ago. 1978), diz que “na miserável Juramento, em Minas Gerais, a primeira experiência brasileira da nova ciência”. No caso da matéria sobre as experiências com chuva artificial no Nordeste, o subtítulo e legenda já indicam a mesma orientação:

- “O nordeste celebra a chuva artificial”;
- “No céu do Ceará, o vôo da chuva”

No corpo da matéria lê-se ainda:

... melhor que essa notícia, para um Nordeste que atravessa a pior seca do século, só as informações que a Sudene começou a divulgar no final da semana (“Avião do tempo”, *Veja*, jan. 1984).

A revista *IstoÉ* privilegia os estudos astrofísicos, como experiências de disseminação de poluentes na atmosfera com o intuito de combater o efeito estufa; fotografias feitas por um ônibus espacial americano sobre a situação florestal do Brasil; estudos com a utilização de satélites para monitorar o litoral e rios brasileiros; pesquisas da NASA sobre o buraco na camada de ozônio, na Europa. No primeiro caso, a revista destaca a polêmica desencadeada entre os cientistas promotores da experiência e de ambientalistas americanos, que se opuseram ao lançamento de substâncias poluentes na estratosfera. Quanto ao outro tema, *IstoÉ* enfatiza as conseqüências econômicas no Brasil, resultado das pressões internacionais, frente à publicação dos dados obtidos a partir das fotos realizadas pelo ônibus espacial americano *Discovery*, uma vez que as queimadas na Amazônia constituem o cerne do problema. Mediante tal questão, o Parlamento Europeu pediu à Comissão Executiva da Comunidade Européia a suspensão dos pagamentos correspondentes ao financiamento dos projetos econômicos em curso na Amazônia, como o Projeto Grande Carajás.

No caso do uso de satélites para a análise de rios e áreas litorâneas, a revista preocupa-se mais em descrever a potência dos equipamentos, demonstrando sua “*maravilhosa engenharia*” do que os dados das pesquisas em si. Já a reportagem sobre a intenção da NASA de mostrar que “*a Europa também está ameaçada pelo buraco na camada de ozônio*” (“O inimigo do planeta” - *IstoÉ*, mar. 1992), parece texto de um periódico de divulgação científica, com explicações detalhadas sobre os efeitos do fenômeno no corpo humano, na flora, na fauna e de como se processa o ataque dos CFC’s (cloro-fluor-carbonetos).

Na mesma linha dos problemas de engenharia, *IstoÉ* destaca a invenção de um método que produz oxigênio puro para hospitais. A matéria segue a mesma tendência positiva daquelas já mencionadas. Segundo o texto, tal invenção é imprescindível para a qualidade no tratamento e cirurgias de pacientes com doenças bronco-pulmonares, nos quais exige-se o fornecimento de oxigênio com grau de pureza de 98%. Ademais, trata-se de um produto extremamente caro. Com a nova técnica, os hospitais beneficiados reduzirão o custo da aquisição do produto em até 85%.

IstoÉ ressalta ainda, em uma das reportagens de três páginas - com várias fotos, mapas, quadros e gráficos - os efeitos positivos de um projeto de reflorestamento, capaz de retirar até 5% do gás carbônico excedente na atmosfera brasileira. Desenvolvido pelo geógrafo da USP Aziz Ab’Saber e pelo engenheiro químico espanhol Leopold Rodés, o projeto foi apresentado no Congresso sobre Mudanças

Globais, realizado em Washington, em 1990, com o aval do então Secretário Especial de Ciência e Tecnologia, José Goldenberg.

Os atores científicos, contudo, são apenas mencionados. A abordagem da revista está centrada especialmente nos aspectos políticos e econômicos. O Secretário Goldenberg, que deu seu aval ao projeto e as entidades internacionais que o contestaram é que mais receberam destaque. Mais de 80% do texto do periódico destina-se a detalhar os conflitos causados pela apresentação do projeto no Congresso.

As repercussões internacionais é que adquirem importância no discurso de *IstoÉ*. A situação específica do Brasil, os benefícios do projeto e sua dimensão científica são praticamente ignorados. Até quando a revista mostra um mapa com as regiões e os projetos de reflorestamento no País, o destaque é para os atores políticos, os quais aparecem como protagonistas efetivos de tais iniciativas, ignorando que, sem técnicos e cientistas especializados, tais iniciativas não seriam possíveis.

Vale ressaltar ainda, na revista *Veja*, duas linhas distintas de reportagens. Uma que enfoca as obras científicas e seus autores e outra, cujo eixo são os aspectos pitorescos decorrentes de pesquisas científicas. No primeiro caso, registram-se aspectos biológicos e econômicos, com destaque para os primeiros, os quais recebem a conotação de almanaques, com informações que se aproximam de abordagens do tipo “você sabia...”. É o caso, por exemplo de textos que revelam ligação entre peixes e florestas:

- ... o aracu e outros peixes amazônicos, engole inteiros os frutos das plantas retirando-lhes os nutrientes sem destruir-lhes a semente e, portanto, a capacidade germinativa. As águas carregam as sementes eliminadas e, em locais às vezes muito distantes, nascem novas árvores (“Ciclo amazônico”, *Veja*, jul. 1981).

Quanto aos estudos que ressaltam a dimensão econômica da ecologia, temos, por exemplo, uma reportagem que relata o uso das algas marinhas, vendidas por pescadores do litoral do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, por alguns centavos o quilo (na época Cr\$ 0,42), um material que os pescadores chamam de “*cisco*” e que, para as indústrias alimentícia, têxtil, farmacêutica, fotográfica e de cosmético “*vale ouro*”. Todo o texto consiste em fazer comparações em termos de preços, para demonstrar o valor das algas.

Na segunda linha de reportagens mencionada, temos, por exemplo, curiosidades acerca dos estudos de ornitólogos, como “*a escala paulista de um raro*”

falcão” e “*os dotes vocais do curió*”. Em ambos os casos, destacam-se informações inusitadas como a peregrinação do falcão ao fugir do frio do Pólo Norte e o preço de curió, considerado “*um bom cantor*”. Nas duas matérias, os dados científicos pouco significam. Aparecem tão-somente para justificar a matéria. Outro exemplo é a notícia de doação de uma fazenda para fins científicos por parte de uma fazendeira paulista para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O valor estimado da propriedade e os elementos hilariantes é que assumem o papel de informações de primeira grandeza.

CLIMA

As questões relativas a clima ocupam uma expressiva posição no total de textos das duas revistas: o quinto lugar, sendo que *Veja* sobressai-se em relação a *IstoÉ* (Tabelas 10 e 11). A seca na região Nordeste é o assunto principal, nas duas revistas. Põe-se em primeiro plano a situação das populações acometidas pelo fenômeno, com depoimentos dramáticos de sertanejos, além da destruição da lavoura, o definhamento do gado e as medidas governamentais de emergência. Algumas regiões do sul do País também aparecem com frequência, acometidas por estiagens temporárias, como é o caso de municípios do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

O tom das reportagens é marcadamente apocalíptico, como se vê nos trechos abaixo:

- a pior estiagem em cinqüenta anos castiga a lavoura, mata rebanhos e leva cidades do Sul e Sudeste a racionar água e energia (“A seca trouxe o sertão para o Sul”, *Veja*, jan. 1986);
- nunca se viu, pelo menos nas últimas cinco décadas, cenário igual nos campos onde normalmente florescem as mais ricas lavouras e pastagens do Brasil (“O desastre do campo”, *Veja*, jan. 1986).
- ainda se morre de fome nos 542 municípios do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Alagoas, que neste mês (...) estão outra vez na clássica situação de emergência” (“Emergência! É a seca”, *IstoÉ*, jun. 1980).

Os demais assuntos aparecem de forma pulverizada, em textos que se reportam a fenômenos climáticos esporádicos, no Brasil e no mundo como a “*ressaca das marés*”, após o *revéillon* de 1980, nas praias do Sul e Sudeste; as “*ilhas de calor*” na cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo; a chegada do “inverno brasileiro em pleno outono”, em 1988; o “*natal congelado*” nos Estados Unidos, em 1984; as interferências do *El Niño*, na América do Sul e o efeito de massas polares no inverno europeu.

A particularidade do ar de Brasília também é objeto de uma reportagem de *Veja*, no ano de 1973, quando o clima da Capital Federal ainda era objeto de

curiosidade pública, pois, no inverno a umidade relativa do ar atingia índices de até 10%.

Na maioria dos casos apontados, tem-se informações circunstanciais, que só interessam pela utilidade momentânea. Mas há reportagens que atentam para a contribuição da tecnologia nesse campo, sobretudo os textos do final da década de 1980 em diante. Discorrem sobre os novos equipamentos e técnicas empregadas na meteorologia, bem como os seus custos.

ESPÉCIES EM EXTINÇÃO

A preocupação com espécies da fauna brasileira constitui o foco da cobertura de *Veja* e *IstoÉ*. Tartarugas, jacarés, ouriços, macacos mono-carvoeiros e peixes são os principais. Espécies da flora recebem menos importância, restringindo-se a orquídeas. Em nível internacional, temos matérias mais amplas, geralmente com balanços das espécies mais ameaçadas no mundo ou de casos específicos, como elefantes africanos, abatidos para o comércio de marfim e tigres da Indonésia.

A flora é lembrada apenas com um exemplo: ciprestes italianos condenados ao desaparecimento. A denúncia marca o tom de quase a totalidade dos textos:

- na Amazônia, 70 mil animais são mortos por ano. No Pantanal, 50 mil jacarés são abatidos a cada mês. Centenas de espécies brasileiras estão ameaçadas (*Chacina na floresta*, *IstoÉ*, ago., 1981);
- Segundo uma estimativa corrente entre biólogos, 50 mil espécies estão condenadas à extinção a cada ano devido ao desmatamento nos trópicos. Nesse ritmo, um quarto das espécies do planeta pode desaparecer em cinquenta anos (*“O estoque da vida”*, *Veja*, abr., 1992).

Mas tanto uma revista como a outra também manifestam interesse por iniciativas em prol da preservação das espécies atingidas por ameaças de extinção. *Veja*, por exemplo, destaca a criação de um *“hospital”* para socorrer animais silvestres, em São Paulo, considerada *“uma efetiva conquista ecológica”*. A finalidade era receber animais apreendidos pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e Polícia Florestal e oferecer-lhes condições de recuperação e reambientação. A redescoberta, em Madagascar, de um primata que se julgava extinto há milhares de anos - o lêmur - também é saudada por *Veja* como iniciativa exemplar de um grupo de cientistas alemães.

IstoÉ procede da mesma forma, só que se concentrando exclusivamente no contexto brasileiro. Assim, enfatiza a compra de uma fazenda no interior de Minas Gerais, por um grupo de ecologistas, para a preservação de macacos mono-carvoeiros e a busca insistente de um biólogo para encontrar e fotografar uma espécie de roedor, nas matas do sul da Bahia - o ouriço -, considerado extinto da fauna brasileira.

FAUNA/FLORA

Os aspectos relativos especificamente à fauna e flora, na cobertura de *Veja*, apresentam conotação pitoresca e inusitada. Jamais os temas são tratados sob a perspectiva convencional, a qual prima pelas informações de caráter que, pelo menos, se aproxima da abordagem científica ou didática, a exemplo de *Ciência Hoje*. Em *Veja* o que interessa é o “quase inacreditável”, aproximando-se do enfoque da imprensa sensacionalista. Assim, temos reportagens sobre migração de répteis das matas para as cidades; o avanço da criação de rãs em cativeiro para consumo humano, o que, em 1974, no Brasil, era novidade; a “pouca memória” das gralhas, que enterram as sementes de pinhão com a intenção de consumi-las depois, mas não conseguem lembrar o lugar; o reaparecimento de passarinhos nas árvores da poluída cidade de São Paulo; a confusão gerada em São José do Rio Preto com a invasão de andorinhas migradoras; e a moda das folhagens na decoração de exteriores.

A exceção fica por conta de uma reportagem sobre o papel das minhocas na fertilização do solo. Apesar de não fugir completamente ao padrão das matérias anteriores, esta é mais abrangente e informativa. Além de explicar todo o processo da produção de húmus, o texto alerta para os prejuízos ecológicos que poderão advir com a crescente exportação de minhocas para os Estados Unidos e Canadá.

Já a revista *IstoÉ* trata o assunto de forma diferente, embora com um número menor de textos (Tabelas 10 e 11). Projetos do Governo Federal para a criação de animais silvestres para consumo, a flora da Juréia, no litoral paulista e da Tijuca, no Rio, são alguns dos temas das reportagens. No caso da última, considerada o “pulmão do Rio”, o texto faz um relato histórico que remete a 1861, quando o imperador D. Pedro II “incumbiu a major Manuel Gomes Archer de replantar a floresta (...) que mais de cem anos depois serviria como símbolo de preservacionismo num país em que as agressões à natureza alarmaram a consciência internacional...” (“Sinal verde”, set. 1990).

O texto dedica-se a caracterizar as espécies da flora e da fauna na região. As demais matérias seguem a mesma linha, destacando-se o caráter didático, com vários boxes (textos complementares), mapas e gráficos com dados relacionados com o assunto. Em alguns casos, os textos se aproximam da abordagem da revista *Ciência Hoje*, o que nos leva a identificar elementos de conotação de divulgação científica, na revista *IstoÉ*, pelo menos no que concerne a este tópico específico, o que seria uma das funções do jornalismo científico (BUENO, 1985).

RIO 92

A revista *Veja*, como na maioria dos temas, também sobressai na cobertura da Rio 92, em relação à revista *IstoÉ*, com seis e dois textos respectivamente. As medidas dos governos federal e local para preparar a capital carioca para o evento foi o tema mais explorado em 1991, além do relatório oficial que o Brasil preparou para apresentar à cúpula da Conferência. Já analisamos esse documento no capítulo sobre o discurso governamental, mas aqui, cabe algumas considerações acerca do que a *Veja* destacou.

Em uma reportagem de quatro páginas, o relatório é avaliado como “*um trabalho bem elaborado, produzido com a contribuição de alguns dos mais destacados pesquisadores brasileiros*” (“O grito das cidades”, *Veja*, jun. 1991). Aliás, como destaca o próprio título da matéria, a questão urbana foi eleita pela revista como a mais importante, por contemplar “*a miséria das megalópoles, onde vivem 60% dos brasileiros*”.

No período mais próximo da conferência e mesmo durante sua realização, temos reportagens que enfocam com maior ênfase a reunião paralela à Rio 92, que reuniu “*uma leva de ativistas exóticos e ruidosos*” (“Carnaval dos verdes”, *Veja*, maio 1982). Aliás, a atuação das ONG’s é explicitamente desqualificada pela revista, como se vê no próprio título e no parágrafo de abertura do texto supracitado:

se depender dos dez mil militantes de entidades sindicais, anti-racistas, homossexuais e outras ruidosas associações de inspiração vagamente ecológica, a voz das estrelas internacionais na Rio 92 será abafada. Simultaneamente à conferência da ONU será realizado o encontro das 3500 Organizações Não-Governamentais (...), um clube de entidades privadas que, na teoria, tem vínculos com a defesa do meio ambiente, mas sem nenhuma tradição ou interesse ecológico. Na prática, basta ter carteirinha de algum grupo minoritário ou ‘politicamente correto’ para ter acesso ao evento paralelo.

As curiosidades e fatos pitorescos parecem constituir o centro da atenção de *Veja*, o que também é ressaltado em outros trabalhos que analisaram a cobertura da imprensa brasileira acerca da Rio 92 (MARMORI *et al.*, 1992; OLIVEIRA, 1996). Entre elas estão dados biográficos de Maurice Strong, o coordenador-geral da Rio 92, “*que aprendeu ecologia com os esquimós*”, além de “*nunca ter freqüentado uma universidade*” e ter se tornado “*o homem mais poderoso na ONU na área ambiental*”.

O fato de um veleiro do *Greenpeace* ter invadido o porto da Aracruz Celulose, a maior exportadora mundial de celulose de eucalipto e considerada a empresa brasileira mais preocupada com o meio ambiente, é outro exemplo. Para a revista, tal fato “*arranhou a imagem da empresa e apimentou a estréia da Eco 92*”, uma vez que o acontecimento se deu às vésperas da Conferência. O próprio título da matéria induz o leitor a posicionar-se contra a atitude do *Greenpeace*: “*Verdes dão o primeiro tiro*” (jun. 1992). Na realidade, o *Greenpeace* pretendia verificar se, de fato, a empresa agia conforme seu discurso publicitário, mas para *Veja*, “*o objetivo dos guerrilheiros do verde era bloquear o cais por onde a empresa escoava toda a sua produção de celulose para mostrar que ela é uma poluidora, ao contrário do que afirma sua propaganda*”.

A Agenda 21 é comentada pela revista da seguinte forma: “*na celebração da Eco 92, vai aparecer o ecologista do século XXI, que deixa o mico-leão de lado para falar do que interessa*”. E mais: “*depois da reunião (...), o mundo terá motivos para se olhar de um modo diferente*” (“A agenda do futuro”, *Veja*, jun. 1992). A agenda em si é ignorada pelo periódico. E, mais uma vez, repete-se o tom de ironia com os ambientalistas: “*... e os ecologistas já sonham com sua grande oportunidade de deitar e rolar. Serão 10 mil, talvez 15 mil militantes, misturados com índios, feministas, religiosos, seringueiros, cientistas e os desocupados de sempre*” (grifo nosso).

Há, ainda, uma reportagem que enfoca os aspectos econômicos inerentes ao evento: “*as 48 maiores empresas do planeta se reúnem na Eco 92 para mostrar que o respeito ao meio ambiente é parceiro de bons negócios*” (“*Conversão do capital*”, *Veja*, abr. 1992). O texto apresenta-se quase como um porta-voz do setor empresarial, sobretudo de empresas multinacionais, cujos representantes “*irão à Conferência dispostos a convencer a opinião pública de que o meio ambiente pode ser um parceiro de seus negócios*”.

A revista *IstoÉ* apresenta-se cética em relação ao evento. Talvez, por isso conceda pouca visibilidade ao assunto. O maior mérito da revista está em expor o quadro ecológico geral no País, no que tange à poluição, destruição de florestas, falta de preservação de espécies ameaçadas de extinção e aos problemas decorrentes do acúmulo de lixo nas grandes cidades, inclusive no Rio de Janeiro, que sediou a conferência: “*as 470 toneladas diárias de lixo e dejetos fazem com que a cidade só seja maravilhosa se for vista de bem longe*” (“Rio para inglês ver”, *Veja*, mar. 1991).

PANTANAL

A revista *Veja*, que apresenta o maior número de textos sobre o Pantanal Mato Grossense, destaca aspectos relacionados com a diversidade da fauna local, considerada como “*ignorada, incalculada e deslumbrante*” (“Os bichos do Pantanal”, *Veja*, maio 1975). Histórias curiosas como as de onças que atemorizam a população local também são ressaltadas pelo periódico, como esta:

“Roças de milho e de feijão foram abandonadas, portas e janelas são cuidadosamente trancadas, pais ameaçam não enviar seus filhos à escola. Um criador de porcos se queixa do desaparecimento de três de seus melhores reprodutores. Um agricultor assegura que suas galinhas não param mais no choco, e que os galos entram em pânico à aproximação de um inofensivo gato doméstico. E todos esses temores têm um motivo definido: uma onça-pintada ronda pelas vizinhanças de Tapejara, 335 quilômetros ao norte de Porto Alegre, assustando a população e dizimando criações de porcos e galinhas” (“No rastro da onça”, *Veja*, mar. 1976).

As constantes enchentes são abordadas por *Veja* como um benefício para a fauna, pois “*assegura um ambiente melhor para os animais selvagens*” (“A força das águas”, *Veja*, abr. 1988). Apenas um texto, o menor, reporta-se aos perigos por que tem passado o ecossistema pantaneiro, com a explosão demográfica ocasionada pela construção da Tanspantaneira. Como consequência, “*os rios acusaram inéditas reduções na generosa fauna aquática (...), desapareceram bandos inteiros de jacarés, pacas, veados e cutias (...). A rodovia acabou se transformando numa movimentada rota de predadores e na mais séria ameaça ao equilíbrio ecológico do Pantanal*” (“Pantanal em perigo”, *Veja*, jan. 1976).

Na revista *IstoÉ*, o mote das reportagens é o aspecto econômico:

-com recursos do Banco Mundial, o governo de Mato Grosso põe em ação um plano para salvar sua ecologia (“Sopro de vida verde”, *IstoÉ*, jan. 1987);

- criação comercial promete altos lucros e pode ajudar a salvar espécie da predação dos caçadores de peles (“Jacarés de curral”, IstoÉ, abr. 1987).

A questão principal, portanto, é de cunho econômico. A ecológica aparece em plano secundário, quando a revista ressalta as diversas formas de agressão ao ecossistema pantaneiro: caça predatória, contaminação de rios por mercúrio, contrabando de peles e uso de agrotóxicos nas áreas agrícolas circunvizinhas. Enfim, tem-se apenas o registro dessas formas de agressão, mas a tônica é a dimensão econômica, ressaltada acima.

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL

Apenas a revista *Veja* apresenta esta categoria. Os problemas regionais, envolvendo os governos estaduais constituem a parte principal dos textos, sendo que somente dois fogem a essa tendência: um que se reporta ao Governo Federal e outro ao governo norte-americano. Quanto aos estados, grosso modo, a revista destaca casos isolados em prol de medidas legais de preservação ambiental em Minas Gerais e Santa Catarina, a exemplo da promoção de um ciclo de palestras na Assembléia Legislativa de Belo Horizonte; a assinatura de um decreto para a proteção do Parque da Serra do Tabuleiro, em Santa Catarina e a persistência de um advogado para preservar áreas florestais do mesmo estado.

O Governo brasileiro entra em cena com uma medida estratégica, resultado do conflito com ecologistas. Trata-se do anúncio da construção de usinas nucleares em São Paulo pelo então presidente da República, João Figueiredo, em 1980, que acirrou a oposição das “bandeiras verdes”. Com isso, o Governo decidiu publicar um decreto que instituía as estações e parques ecológicos, inclusive na região citada.

As leis ambientais americanas são objeto de uma reportagem sobre um acidente no mar, resultado do incêndio de superpetroleiro americano *Mega Borg*, no Golfo do México, em 1990. Para aplacar a opinião pública internacional, a Casa Branca anunciou um pacote de leis para proteger a costa e os oceanos.

Na realidade, a categoria legislação ambiental, em *Veja*, não apresenta elementos que permitam uma análise propriamente dita acerca do assunto. Constitui apenas um conjunto de textos que tratam de fatos isolados. A imprensa, ao que tudo indica, não costumava atribuir grande importância ao assunto, tal qual o Estado. Afinal,

pelo menos o que é noticiado revela que os governos citados estavam mais preocupados em causar boa impressão na opinião pública do que em implantar uma legislação ambiental efetiva.

URBANISMO

A relação entre urbanismo e meio ambiente aparece apenas na cobertura de *IstoÉ*. Apesar de registrar somente seis reportagens, trata-se do terceiro item no quadro geral de textos produzidos pela revista. São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Belém são as capitais onde a questão urbana aparece como parte do problema ecológico. O poder público, local e estadual, juntamente com entidades conservacionistas não governamentais são os protagonistas dos fatos noticiados, atuando, na maioria das vezes, como parceiros, e não como opositores.

Campanhas institucionais são a matéria-prima das reportagens, a exemplo da campanha, “Adote uma Árvore”, realizada na capital paulista, em 1983 e de outras em prol da preservação do Parque da Pampulha em Belo Horizonte e do tombamento de árvores em Belém. As questões mais relevantes, envolvendo as relações urbanismo x meio ambiente não são contempladas pela revista. Mas cabe ressaltar a atenção que a revista confere à participação comunitária, em quase todas os casos. Aliás, é neste aspecto da cobertura que a questão urbana brasileira é mencionada, embora este mesmo aspecto não seja retomado pela revista em momentos posteriores:

a proliferação rápida de associações comunitárias no Rio Grande do Sul acabará desaguando num movimento nacional cujas preocupações básicas seriam a preservação do equilíbrio ecológico e a melhoria da qualidade de vida (“A comunidade reunida”, *IstoÉ*, out. 1997).

MOVIMENTOS ECOLÓGICOS

Apenas duas reportagens, publicadas por *IstoÉ* compõem esta categoria, uma de 1980 e outra de 1989. No primeiro caso, o ecologismo, como define a revista, é confundido com o movimento *hippie* e seus remanescentes, como se vê logo no primeiro parágrafo da matéria:

o tranqüilo Vale das Flores (Minas Gerais) foi invadido, nos últimos dias de maio, por uma legião de raras pessoas, na maioria jovens. Muitos cabeludos, outros rigidamente calvos, vestidos com mantos,

descalços ou não. Levavam mochila, incenso, arroz integral, banchá. Penduricalhos nas orelhas. Maioria de magros - alguns magérrimos. Pareciam vestidos como pobres, mas no estacionamento deixaram carros (“Reunidos para curtir o cio da terra”, *IstoÉ*, jun. 1980).

No segundo caso, nove anos depois, a dimensão política já é salientada, ressaltando-se que o contexto político já havia mudado, como está expresso no subtítulo da reportagem: “*no Brasil e no mundo, militantes de partidos e movimentos ecológicos já não formam um bloco unido*” (“Os vários tons do verde”, *IstoÉ*, jul. 1989). Todo o texto tem como propósito mostrar a diversidade da militância ecológica:

É bom não confundir: há verdes e verdes. Preservacionistas puros, humanistas, fundamentalistas, realistas, científicos, siloístas e esotéricos. Os militantes dos partidos e movimentos ecológicos já não se mimetizam nem debaixo de uma árvore. Depois de praticamente 20 anos marcando presença no mundo, os verdes não escondem mais a diferença de matizes entre os vários grupos. Que na origem ficou camuflada. Nos frenéticos anos 60, o mastro da bandeira parecia único, suficientemente forte para agüentar pacifismo, feminismo, diferentes formas de produção alternativa, críticos da cultura, da contracultura e um grande etcétera.

MERCADO VERDE

A revista *Veja* publicou duas reportagens sobre o comportamento empresarial frente à ecologia. Uma abordando a situação em termos globais e outra sobre o contexto brasileiro. A primeira toma como exemplo as medidas adotadas pela rede *McDonald's*, em defesa do ozônio, incluindo a decisão de não utilizar mais embalagens fabricadas como o uso do CFC. A partir desse caso particular, diz a revista que

atitudes como a do *McDonald's* constituem o primeiro eco das conferências de Genebra, Suíça, e de Montreal, Canadá, realizadas no ano passado e que resultaram num acordo assinado por 31 países, que se comprometeram a reduzir a produção e o consumo do CFC em 50% com relação aos níveis de 1986 até 1999. Foram necessários 46 anos para se descobrir que o CFC, usado também nos circuitos de refrigeração de geladeiras e aparelhos de ar-condicionado e na fabricação de sprays, destrói o ozônio, e a partir daí, mais catorze anos se passaram até que as primeiras medidas começassem a ser tomadas (“Embalagens arejadas”, *Veja*, ago. 1988).

A segunda reportagem focaliza o fato de que “*com idéias criativas, as empresas brasileiras investem milhões de dólares na proteção ao meio ambiente*”. Tal atitude é apontada como resposta às pressões de todo o mundo, que colocaram o Brasil “*no cadafalso das nações que agridem a natureza*”. A reação veio principalmente da Amazônia, foco da atuação dos ecologistas internacionais: “*algumas das mais poderosas empresas brasileiras, que atuam na Amazônia e no resto do país, estão mostrando, contudo, que é possível aliar o desenvolvimento industrial com a defesa do meio ambiente, da fauna e da flora e que lucro não é sinônimo de devastação*”.

ESTOCOLMO, EFEITO ESTUFA, AGRICULTURA E ECOTURISMO

Essas categorias são as, numericamente, menos expressivas (Tabelas 1) no quadro geral temático de *Veja*. A reportagem sobre a Conferência de Estocolmo, publicada em 1972, limita-se a resumir os argumentos da delegação brasileira – o discurso de que a maior poluição é a da pobreza –, como exprime o próprio título “*A poluição da pobreza*”. As duas matérias sobre efeito estufa apresentam um panorama geral do problema e as novas descobertas a partir da erupção de vulcões, cujos gases contribuem para esfriar a atmosfera. A agricultura aparece somente em textos que enfocam iniciativas inovadoras, como o uso de vinhoto na adubação alternativa e a bonança do fértil Cariri, com a agricultura irrigada. O ecoturismo figura à guisa de *marketing* turístico, ressaltando três locais específicos: Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, o arquipélago de Abrolhos, no sul da Bahia e a invasão de turistas estrangeiros no Pantanal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais características da cobertura das revistas *Veja* e *IstoÉ* podem ser sintetizadas da seguinte forma:

1) **Prioridade ao contexto urbano** - as duas revistas se dedicam mais à cobertura de temas do contexto urbano, como poluição industrial e arborização.

2) **Enfoque global** - a tendência de ambas as revistas, principalmente de *Veja*, é de valorizar os chamados temas globais, como clima, efeito estufa, ecoturismo, espécies ameaçadas de extinção, sobretudo nos últimos anos da amostra.

3) **Contextualização da notícia** - as revistas valorizam mais a base contextual das informações publicadas, ou seja, há mais informações ligadas ao contexto, às circunstâncias e desdobramentos do fato, ao contrário da notícia de jornal, que é centrada no fato em si.

4) **Denuncismo dirigido** - nem *Veja* nem *IstoÉ* escapam à ética denunciadora do jornalismo brasileiro contemporâneo. No entanto, praticam um denunciador distinto dos jornais, cujo tom de denúncia é endereçado a segmentos sociais determinados, cobrando atitudes, na maioria dos casos.

4) **Otimismo** - mesmo sem fugir completamente à marca da negatividade jornalística, ou seja, da prioridade aos temas alarmantes e alarmistas, *Veja* e *IstoÉ* conseguem ressaltar um enfoque otimista, ao se reportar, por exemplo, a medidas positivas, a exemplo da categoria *Amazônia*, ao destacar projetos ecologicamente corretos e os estilos de vida que priorizam a harmonia com a natureza.

5) **Conjunção entre opinião e informação** - até pelo próprio estilo do texto de revista, que combina informação com interpretação (Lustosa, 1986), as revistas conjugam informação com opinião, tendo em vista o gênero jornalístico predominante nas revistas: o jornalismo interpretativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERQUÓ, E. S. *Bioestatística*. São Paulo: EPU, 1981.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Cortez, 1991.
- LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília, EdUnB, 1986.
- MARCONI, M. de A. ; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.
- MELO, J. M. de. Ética da comunicação no Brasil - denunciador, ceticismo e interesse público. In: PERUZZO, M. K., KUNSCH, M. M. K. (Orgs.). *Transformações da Comunicação: ética e técnicas*. São Paulo: INTERCOM, p.67-76,1995.
- STONE, F. J. A análise de conteúdo da mensagem. In: COHN, G.(Org.).*Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1987.